

PERIODIZAÇÃO E CRONOLOGIA DA ESCOLA ECLÉTICA NO BRASIL

Antonio Paim

1. Periodização

A publicação de quatro obras que exigiram longos anos de pesquisas – “*A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*” (1973), de Roque Spencer Maciel de Barros; “*A liberdade no Império*” (1977), de Ubiratan Macedo; “*As raízes cristãs do pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo*” (1977), de Tiago Adão Lara e “*Corrente eclética na Bahia*” (1979), de Antonio Paim – facultou uma visão renovada da Escola Eclética Brasileira, embora ainda haja aspectos a elucidar, como indicarei, e naturalmente muito a fazer para vencer o preconceito que persiste em relação àquele movimento, haurido muito mais da acepção vulgar do ecletismo (justaposição forçada de partes que não se coadunam). O nome talvez não expresse adequadamente a sua natureza profunda, porquanto o grande feito da Escola consiste na descoberta da prevalência dos problemas no curso da evolução da meditação filosófica. O inelutável aprofundamento desses problemas, que se alternavam, minava toda espécie de dogmatismo, impondo o refluxo de uma corrente e a ascensão de outra. Embora não haja abandonado a idéia de sistema, a Escola Eclética soube infundir nos seus seguidores a convicção de que os sistemas eram transitórios enquanto algumas questões magnas iriam eternamente instigar aos filósofos.

Outro vezo que vai se tornando comum é o empenho de isolar da Escola Eclética a quem quer que tenha discordado das teses de seus corifeus, revelando, com esta postura, profunda incompreensão daquilo que o movimento tem de mais essencial. O grande mérito da Escola Eclética Brasileira consiste em haver atraído espíritos criativos nos quais havia sido infundida uma acepção adequada da filosofia - separando-a nitidamente da religião (contra os tradicionalistas) e também da ciência (contra os naturalistas) - e não um grupo devotado a macaquear alguns pensadores franceses. Essa independência seria firmada tão logo sua liderança se sentiu vitoriosa, de que nos ficaram como

demonstração expressiva os ensaios de Antonio Pedro de Figueiredo (1814-1859), aparecidos em “*O Progresso*” (1846-1848), nos quais discute e busca rever algumas das principais teses da Escola. Tenha-se presente que Figueiredo traduziu e editou o “*Curso de História da Filosofia Moderna*”, de Cousin, e sendo mulato de origem humilde, fora apelidado de Cousin Fusco, por seus opositores.

A pesquisa antes mencionada permitiu estabelecer o seguinte:

1º) Na década de trinta forma-se um pequeno grupo de intelectuais, que tendo estudado em Paris, com Theodore Jouffroy (1712-1842) - ou por outros meios - adquire familiaridade com a revolução efetivada no empirismo por Maine de Biran (1766-1824) e com a hipótese historiográfica formulada por Victor Cousin (1792-1867), haurida do historicismo hegeliano. Esse grupo consegue promover uma ativa discussão em que intervêm os naturalistas afirmando o papel da ciência e em nome desta negando a realidade espiritual - e os espiritualistas de antigo estilo, afirmando aquela realidade e, por conseqüência, negando qualquer autoridade à ciência.

Ao caracterizar como fato primitivo da consciência ao esforço voluntário - decorrente da iniciativa do sujeito, sem que haja sido instado por estímulos externos - e assim se apreender como causa e liberdade, o espiritualismo eclético punha na balança um argumento que então se considerava como correspondendo plenamente às exigências da observação científica. Como Biran nunca se propusera refutar o empirismo, mas apenas torná-lo coerente, introduzia-se a psicologia no caminho da ciência moderna. A afirmativa da realidade espiritual se fazia incorporando as conquistas da Época Moderna e, ao mesmo tempo, ampliando o campo de aplicação do que se entendia como a metodologia de eficácia: comprovada. É certo que a passagem do que se poderia denominar, contemporaneamente, de capacidade do espírito humano de criar sínteses ordenadoras do real, a exemplo da idéia de causalidade, para a afirmativa da possibilidade de demonstrar racionalmente a existência da divindade não chega a ser satisfatoriamente equacionada na filosofia de Cousin. Mas essa dificuldade somente iria aparecer no ciclo posterior de ascendência e maturidade da Escola. No momento que se considera, sobressai a integração, numa doutrina harmônica, dos momentos de afirmação do espírito e de afirmação da ciência.

Foi essa integração que permitiu a formação da Escola Eclética, provocando adesões entusiásticas. Nos principais centros, seus partidários criam publicações periódicas e sociedades literárias. Consideram-se também mentores do romantismo e artífices da monarquia constitucional. Eram, portanto, portadores de amplo projeto unitário assim caracterizado por Victor Cousin:

“Esta filosofia (o espiritualismo) é aliada natural de todas as boas causas. Acalenta o espírito religioso; estimula a arte verdadeira, a poesia digna deste nome, a grande literatura; é o apoio do direto; recusa tanto a demagogia como a tirania; ensina a todos os homens a respeitar-se e amar-se, e conduz pouco a pouco as sociedades humanas à verdadeira república, este sonho de todas as almas generosas que, em nossos dias, na Europa, somente a monarquia constitucional pode realizar”.
(*Du Vrai, du Beau et du Bien*, 1853).

Em síntese, a pesquisa contida nos livros mencionados permitiu verificar que o ciclo de formação da Escola abrange aproximadamente de 1833 a 1848. Nesse ciclo prevalece a questão do conhecimento. Os ecléticos conquistam as cátedras de filosofia no Colégio Pedro II e nos Liceus Estaduais.

2º) Como o chamado “surto de idéias novas” da década de setenta correspondia a uma rebelião contra o espiritualismo dominante, sempre se partiu do reconhecimento da existência de uma fase de apogeu e domínio. Não se sabia, entretanto, que durante esse ciclo os ecléticos foram vigorosamente fustigados pelos tradicionalistas a ponto de tê-los obrigado a discutir prevalentemente a questão da moralidade. E como os tradicionalistas brasileiros - pelo menos enquanto durou a liderança de D. Romualdo Antonio de Seixas (1787-1860), Primaz da Igreja - aceitavam as instituições do sistema representativo, a disputa cifrava-se basicamente ao terreno filosófico. Embora os ecléticos tenham preservado ascendência sobre a intelectualidade - toda ela quase que exclusivamente

católica - e mesmo em certas ordens religiosas, como parece ser o caso dos franciscanos (aspecto, aliás, que não foi até agora pesquisado especificamente), os tradicionalistas conseguem articular-se nacionalmente, dispõem de publicações periódicas, disputam as cátedras de filosofia e estão de posse de compêndios alternativos. As grandes figuras da Escola - a exemplo de Antonio Pedro de Figueiredo (1814-1859) e Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882) - são obrigadas a reconhecer que nem Biran nem Cousin conseguiram alcançar fundamentação da moral capaz de apaziguar os espíritos e irão buscá-la autonomamente. Nesse afã estão francamente divididos e acabarão adotando (oficialmente) a solução de Paul Janet (1823-1899), que corresponde ao abandono da pesquisa, de índole psicológica, para fundar a idéia de Bem pela adoção do método histórico, que também era uma componente da doutrina. A solução de Janet consiste em afirmar que a categoria fundamental corresponde ao dever, como queria Kant, mas admitindo que as pessoas para ele tenderiam (ou poderiam tender) espontaneamente. Essa proposição fez sucesso entre os neotomistas, no século XX, mas veio tarde no caso brasileiro.

No ciclo de apogeu da Escola Eclética, conclui-se a fundamentação teórica das instituições do sistema representativo criadas no Segundo Reinado, tendo sido igualmente lançadas as bases da historiografia brasileira. Sua liderança nunca formou unanimemente em torno da feição indianista, que se queria atribuir ao romantismo literário, mas impulsionou, sem sombra de dúvida, a busca de expressões literárias e teatrais próprias. No plano político, marchou corajosamente para incorporar a idéia democrática, processo interrompido com a República. Nesse mister, cabe assinalar que o fato de a Faculdade de Direito de São Paulo ter, no plano filosófico, se mantido fiel ao Kantismo, recusando as soluções ecléticas para fixar-se nas krausistas, abriu ao liberalismo brasileiro o caminho do social, tradição que Miguel Reale (1910/2006) tão brilhantemente cuidou de recuperar.

No que se refere ao ciclo do apogeu, a pesquisa não deve ser dada por concluída. Falta inventariar o debate levado a cabo nas publicações periódicas, que a experiência sugere ser deveras elucidativo. Algumas figuras muito ativas na primeira fase – como é o caso de Manoel Maria de Moraes e Valle (1824-1886), professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, animador de um periódico, autor de compêndio de filosofia e tradutor de Cousin, no ciclo de formação – não chegaram a ser investigadas nas décadas seguintes. Finalmente, no período de declínio não foi tabulada a reação dos ecléticos nem a linha de argumentação adotada contra os novos opositores, muito criativa nas manifestações conhecidas, como a de Antônio Herculano Souza Bandeira contra Silvio Romero ou a de Gonçalves de Magalhães contra o darwinismo (*Comentários e pensamentos*, 1880).

Acredito que o passo que precisa ser empreendido, no sentido de coroar a visão equilibrada que temos procurado adquirir da Escola Eclética Brasileira, consiste em reavaliar a visão distorcida que se sedimentou acerca de Victor Cousin. Aceitamos sem crítica as idéias de Hyppolite Taine (1828-1898) no livro *“Les philosophes classiques du XIX siècle en France”* (1857), às quais aderiram com grande entusiasmo os promotores do surto de idéias novas nos anos setenta. Ao que parece, também, não tivemos a preocupação de examinarmos nós mesmos essa obra, a fim de formarmos juízo próprio, sendo este certamente o meu próprio caso, desde que somente o fiz recentemente. Quem se der a esse trabalho verificará sem dificuldade o primarismo das teses de Taine que, pelo menos nessa obra, não tem a menor noção do que seja filosofia. Nas edições recentes, na apresentação, Henri Gouhier como que se desculpa pelo fato de tratar-se de artigos de um jovem de 27 anos, aparecidos em 1855 e 1856 na *“Revue de L’Instruction Publique”*. O confronto entre as simplificações do positivismo, que então se ocupa de difundir, e o que Victor Cousin fez em matéria de história da Filosofia serve para mostrar de que lado milita o autêntico saber. A recuperação da imagem de Cousin, que pretendo haver iniciado, talvez possa resgatar o significado da Escola Eclética Brasileira.

Acredito que a CRONOLOGIA adiante inserida possa dar uma idéia da magnitude assumida pelo movimento filosófico que passou à história com a denominação de Escola Eclética Brasileira.

2. Cronologia

CICLO DE FORMAÇÃO - APROXIMADAMENTE 1835-1848

1828 - 1832 (?) - Estada de Salustiano Pedrosa (fins do século XVIII -1858) em Paris onde conclui o curso de direito, na Sorbonne, e frequentou cursos de Jouffroy.

1833 - 2 de fevereiro. Início do magistério de Salustiano Pedrosa em Cachoeira (Recôncavo da Bahia).

Setembro. Chegada de Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882) a Paris onde igualmente frequenta cursos de Jouffroy.

1834 - Ano provável do término do “*Compêndio de Filosofia*”, de Monte Alverne (1784-1858), publicado postumamente (1859), onde faz profissão de fé eclética. Da Ordem Franciscana e pregador da Capela Imperial, atraiu, para o Ecletismo vários jovens (entre estes Manuel de Araújo Porto Alegre, mais tarde Barão de Santo Ângelo (1806-1874); Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876) e Domingos de Magalhães).

1835 - Início do magistério de Frei José do Espírito Santo (1812:1872), no Convento da Ordem Franciscana, na Bahia, de que diz Sacramento Blake ter sido “*O primeiro brasileiro que vulgarizou as doutrinas da Escola Eclética, fundada em França por Cousin e Royer Collard*”.

1836 - Edição em Paris de dois números de “*Niterói – Revista Brasiliense*”, onde aparece um dos primeiros textos filosóficos de Magalhães (*Filosofia da Religião*) e colaboração de Silvestre Pinheiro Ferreira.

1837- Frei José do Espírito Santo passa a ensinar também no Seminário Arquiepiscopal da Bahia.

- Instalação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, cabendo a Domingos de Magalhães a regência da cadeira de Filosofia. O curso somente será inaugurado no ano letivo de 1842.

- 7 de setembro. Instalação do Liceu na capital da Bahia, incumbindo a Salustiano Pedrosa reger a cadeira de filosofia, que não parece haver assumido de imediato, mas que ocupa até o ano de sua morte (1858).

- 1842 – Magalhães inicia o curso de filosofia do Colégio Pedro II, mas é substituído em outubro. Publica a aula inaugural com o título de “*Discurso sobre o objeto e importância da filosofia*”.

1843, novembro - 1845 - Circula no Rio de Janeiro a revista “*Minerva Brasiliense*” (31 números ao todo) liderada pelos ecléticos.

1843 - Aparecimento do primeiro volume do “*Curso de História da Filosofia Moderna*” de Victor Cousin (Recife; tradução de Antonio Pedro de Figueiredo 1814-1859).

1844 - Aparecimento dos dois últimos volumes do “*Curso de História da Filosofia Moderna*”, de Cousin.

- julho. Concurso para provimento da cadeira de filosofia do Colégio Pedro II, de que resulta a consagração da Escola Eclética. A “*Minerva Brasiliense*” relata-o pormenorizadamente nos números de julho, agosto e setembro. O concurso é ganho por Torres Homem, mais tarde panfletário famoso e político influente.

1844 – 1846 - Circula na Bahia a revista “*O Mosaico*”, de inspiração eclética.

1845 - Salustiano Pedrosa publica “*Esboço de história da filosofia*”.

1845, agosto -1847, janeiro - Circula na Bahia a revista de inspiração eclética “*O Crepúsculo*”.

1845, set -1848, abril - Aparecimento de seis artigos de Moraes Valle (1824-1886) na revista “*Arquivo Médico Brasileiro*” que também está vinculada ao ciclo de formação da Escola, refletindo a sua presença nas Faculdades de Medicina e, em geral, entre os médicos.¹

1846 - Salustiano Pedrosa publica “*Compêndio de Filosofia Elementar*”.

1 A evolução da Faculdade de Medicina da Bahia, de uma espécie de baluarte do naturalismo para a aceitação do ecletismo (na forma como o define Eduardo Ferreira França, isto é, como desdobramento coerente do empirismo para torná-lo mais consentâneo com a complexidade da vida humana com que os médicos tinham que lidar em sua atividade diuturna) acha-se documentada pelos estudos realizados por Francisco Pinheiro Lima e Dinorah Berbet de Castro. No que se refere à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, conclui o fundamental de uma pesquisa inserida no volume Iv dos Estudos Complementares à *História das Idéias Filosóficas no Brasil*.

- Aparecimento da 1ª edição do “*Compêndio elementar de filosofia*”, de Barbe, de que se fizeram outras traduções e edições, sendo adotado oficialmente no Colégio Pedro II e, conseqüentemente, nos Liceus Estaduais².

1846, julho -1848, setembro - Circula no Recife a revista de Antonio Pedro de Figueiredo (*O Progresso*).

1847 - Publicação, pela Tipografia Episcopal de Mariana (Minas Gerais), da obra “*Esqueleto das faculdades e origem das idéias do espírito humano*”, do cônego João Antonio dos Santos, reitor do Seminário, que José Carlos Rodrigues (*Idéias filosóficas e políticas em Minas Gerais no século XIX*, 1982) considera uma tentativa de superação tanto do idealismo racionalista como do tradicionalismo, aproximando-se da solução de Maine de Biran, que encontrou acolhimento tão entusiástico no país, mas que não revela conhecer. Esse livro suscitou uma réplica (R. L. Bretas - “*Novo esqueleto das faculdades e origem das idéias do espírito humano*”. Segundo os princípios de M. Laromiguére. Ouro Preto. Tipografia do Bom Senso, 1854).

- fevereiro - “*O Crepúsculo*” (Bahia) publica “*Discurso sobre a Filosofia*”, de Salustiano Pedrosa.

- 1848 - O Ministro do Império intervém para obstar a adoção do compêndio de inspiração tradicionalista (*Questões de filosofia*, de A. Charma) no curso Anexo da Faculdade de Direito do Recife.

CICLO DO APOGEU - FINS DA DÉCADA DE QUARENTA AOS COMEÇOS DA DÉCADA DE OITENTA

1849 - Publicação, no Rio de Janeiro, da tradução de “*Filosofia Popular*”, de Victor Cousin. O tradutor é Moraes Valle, professor da Faculdade de Medicina.

- 1851 - Posse na cadeira de filosofia do Colégio Pedro II de Frei José de Santa Maria Amaral (1821-1889), beneditino, autor de um “**Tratado de Filosofia**”, que se supõe tenha permanecido inédito.

- Aparecimento do “**Compêndio de Filosofia**”, em dois volumes, de Moraes Valle.

² No fundamental, a posição de Barbe é eclética, como procuro demonstrar no texto igualmente transcrito na obra indicada e que se intitula “A disputa entre os compêndios de Barbe e Charma no Segundo Reinado”.

- Frei José do Espírito Santo cai gravemente enfermo, não mais se recuperando. Registrando o seu falecimento, a 15 de fevereiro de 1872, a **“Crônica Religiosa”** (25.02.1872) consigna ter sido *“orador exímio, grande conhecedor da Teologia e ornamento de duas Ordens”* acrescentando ter padecido cruéis sofrimentos durante 21 anos, período em que *“sua cela foi sempre visitada pelo que há de melhor em nossa sociedade”*.

É provavelmente nesse ano que Eduardo Ferreira França (1809-1857), professor da Faculdade de Medicina da Bahia, como parlamentar filiado ao Partido Liberal começa a abandonar suas convicções naturalistas extremadas, adquiridas na longa estada na França (dos 15 anos aos 25 anos de idade) onde se bacharelou em ciências (1828) e formou-se em medicina (1834).

1852 – 1859 - Colaboração semanal de Antonio Pedro de Figueiredo no **“Diário de Pernambuco”**, onde se evidencia a mudança de problemática (prevalência da fundamentação da moral passando o conhecimento para segundo plano).

1853 - Publicação na França da edição autônoma de **“Du Vrai, du Beau et du Bien”**, de Victor Cousin.

1854 - **“O Noticiador Católico”** (Bahia) inicia (nº. de 24 de junho) a publicação de uma série de artigos de crítica à obra precedente de Cousin, extraída de brochura publicada na França, de autoria do abade Maynard, com o título de **“Últimos escritos de M. Cousin”**.

- Aparecimento das **“Investigações de Psicologia”**, de Eduardo Ferreira França, que se considera como contendo a síntese do debate realizado no ciclo de formação e que consagra a vitória da Escola.

1855 - Aparecimento, na Bahia das duas obras **“Filosofia racional e moral”** (contendo a 2ª edição do **“Catecismo de Lógica; noções de Metafísica e Ética geral e especial”**); **“Preleções de Lógica e Preleções de Filosofia Moral”**, de Salustiano Pedrosa.

1857 - Falecimento de Eduardo Ferreira França.

1858 - Falecimento de Salustiano Pedrosa.

- Aparecimento da **“Memória sobre o magistério e escritos filosóficos do Dr. Salustiano Pedrosa”**, de Eunápio Deiró (Bahia) publicação da 1ª edição de **“Fatos do Espírito Humano”**, de Domingos Gonçalves de Magalhães.

- Falecimento de Monte Alverne.

1859- Edição francesa dos **“Fatos do Espírito Humano”**, de D. G. Magalhães (tradução de M. N. Chancelle, Paris, Librairie d’Auguste Fontaine).

- Edição (póstuma) do **“Compêndio de Filosofia”** de Monte Alverne.

- Falecimento de Antonio Pedro de Figueiredo.

1862 - Aparecimento da obra **“Ensaio sobre o direito administrativo”**, de Paulino José Soares, Visconde de Uruguai (1807-1866), devotado à justificação teórica das instituições imperiais que consagra a expressão *“ecletismo esclarecido”* para caracterizar o método (historicista) adotado pela Escola Eclética.

1865 - Aparecimento da 2ª edição de **“Fatos do Espírito Humano”** e dos **“Opúsculos Históricos e Literários”**, de Domingos Gonçalves de Magalhães.

1866 – Publicação em Pernambuco de **“Resumo de Lógica do Compêndio de Filosofia de M. Barbe”**, de Joaquim Pires Machado Portela.

1868 – Primeiros artigos de cunho filosófico de Tobias Barreto (1839 – 1889) em que se vislumbra ainda simpatias pelo ecletismo, com o qual romperia logo depois, embora declarando fazê-lo com pesar ao *“ver-se obrigado, no interesse da verdade ou do que tenho por tal, a ser severo com aqueles em cujas obras pude haurir, pelo menos, a paixão deste gênero de estudo”*. (fins de 1871)

1870 – Aparece na Bahia tradução de uma versão resumida do que se denominou de **“Teoria do Belo e do Bem”**, de Victor Cousin (tradução de Franklin Lima, 48 p.).

1874 - Aparecimento na França do livro **“A Moral”**, de Paul Janet, adotado como manual do Colégio Pedro II, de que se traduziu a exposição resumida contida no **“Tratado Elementar de Filosofia”**.

1876 - Aparecimento de **“A alma e o cérebro”**. Estudos de Psicologia e Fisiologia, de Domingos Gonçalves de Magalhães.

1878 - Aparecimento de **“Filosofia da felicidade”**, de Paul Janet, tradução baseada na 5ª edição francesa (Rio de Janeiro, Garnier).

1879 - Com o título de **“Uma renovação literária entre nós”**, Antonio Herculano de Sousa Bandeira publica uma crítica ao livro de Silvio Romero – **“A Filosofia no Brasil”** - aparecido no ano anterior, no qual afirma que a mocidade brasileira ainda poderá encontrar seus guias no meio dos próprios espiritualistas, *“que têm separado o*

que a velha Escola tinha de aproveitável, desprezando as especulações abstratas que tanto prejudica a marcha da Filosofia”³.

1880 - Aparecimento de **“Comentários e pensamentos”**, de D. G. Magalhães.

- Concurso para provimento da Cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II, de que resulta a nomeação de Silvio Romero (1851-1914), interrompendo a tradição de preenchê-la com partidários do ecletismo espiritualista. A mudança de orientação não parece, entretanto, ter sido automática (ver indicações adiante relativas ao ano de 1885 e nota 4).

1882- Falecimento de Domingos Gonçalves de Magalhães.

1885- Aparecimento do 1º volume da tradução do **“Tratado Elementar de Filosofia”**, (Rio de Janeiro, Garnier), de Paul Janet, com a indicação de ser obrigatória a sua adoção nos Liceus Estaduais, desde que o fora pelo Colégio Pedro II⁴.

1886 - Aparecimento do 2º volume da tradução do **“Tratado Elementar de Filosofia”**, de Paul Janet (Rio de Janeiro, Garnier)

- Falecimento de Moraes e Valle.

CICLO DE DECLÍNIO E DESAPARECIMENTO - A PARTIR DA SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE OITENTA

1903 - Aparecimento do livro **“A vida psíquica do homem filosófico sobre o materialismo e o espiritualismo”**, de Vicente Cândido Figueiredo, Visconde de Sabóia, (1835-1909), que se manteve fiel ao ecletismo, a que adere em fins da década de cinqüenta como estudante de medicina.

³ O artigo de A. H. Souza Bandeira foi incluído por Luís Washington Vita na reedição que promoveu da obra filosófica de Silvio Romero (Rio de Janeiro, José Olímpio, 1969). O seu aparecimento provocou violenta reação de Silvio Romero em sucessivos artigos no jornal carioca O Repórter (julho, 1879), que constam também da mencionada reedição, e quatro artigos de Tobias Barreto (“O partido da reação em nossa literatura” in *Obra completa organizada por Luiz Antonio Barreto, vol. Estudos de Filosofia, Rio de Janeiro, Record, 1990*).

⁴ A praxe vigente consistia em deixar na dependência da Congregação as mudanças que implicassem maiores alterações. O próprio Sílvio Romero não nos deixou qualquer indicação sobre esse aspecto, sendo provável que a orientação eclética no sistema Pedro II – Liceus Estaduais tenha prevalecido até a República. Sílvio Romero reagiria violentamente (como era de seu estilo) às posteriores reformas de ensino de inspiração positivista.